



Chamados, isto é, enviados: o início da missão

**Apontamentos das intervenções de Francesco Cassese e Davide Properi
na Jornada de Início de Ano dos adultos de Comunhão e Libertação da Lombardia**

Unipol Forum, Assago (Milão) e por videoconferência, 21 de setembro de 2024

Chamados, isto é, enviados: o início da missão

Apontamentos das intervenções de Francesco Cassese e Davide Proseri na Jornada de Início de Ano dos adultos de Comunhão e Libertação da Lombardia

Unipol Forum, Assago (Milão) e por videoconferência, 21 de setembro de 2024

Davide Proseri

Diz don Giussani no livro *Una rivoluzione di sé*: «A salvação já está feita com a ressurreição de Cristo: este é o centro da fé, este é o eixo de tudo, porque é um facto. A salvação já está feita, mas torna-se clamorosa através da nossa comunhão».¹

Confiemos ao Espírito Santo este momento e o ano que começa, para que a Sua voz nunca deixe de nos dar a Graça de estarmos em comunhão com Cristo em todos os momentos e em todos os lugares.

Descei Espírito Criador

Francesco Cassese

Bem-vindos e obrigado por estarem aqui. Saúdo as dez mil pessoas presentes aqui em Assago e também as cerca de quatro mil e quinhentas pessoas ligadas de outras seis cidades da Lombardia. Nos próximos dias, haverá mais vinte e seis Jornadas de Início de Ano nas regiões italianas e cento e quarenta e uma no estrangeiro, em setenta e três países.

Para começar, gostaria de tentar retomar os passos que demos juntos ao longo do ano passado – um ano muito intenso, pelo qual estou pessoalmente muito grato a Deus.

Mas antes de dar estes passos, gostaria de partilhar um episódio pessoal, de há cerca de dez anos, que me ajudou a pensar no caminho feito e a fazer. Por motivos profissionais, estava de passagem em Paris e passei o fim-de-semana com uma família de amigos do movimento. Dormi em casa deles. Tinham-me

dado um quatinho onde havia uma porta de vidro fosco que dava para ver para fora. De manhã, quando acordei, a filha deles começou a arranhar o vidro e a chamar pelo meu nome. Acordei com aquela menina rechonchuda a chamar o meu nome e senti um sobressalto no coração que me levou a dizer: «Meu Deus! Se eu pudesse acordar todos os dias assim, a minha vida transformava-se!». Este foi o primeiro pensamento que tive. Logo a seguir pensei no sino da minha casa, que toca de manhã cedo para a recitação das Laudes: «O sino para mim é como esta criança», disse para comigo, «é Aquele que me chama pelo nome, Aquele que me convoca!». Isto é uma fantasia? Não, é toda a minha história que me leva a dizer: «Se não houvesse esta Presença, uma presença real, não teria entrado no movimento, não teria entrado nos *Memores Domini*, em suma, não estaria aqui». Desde esse dia, tudo mudou: quando ouço o som do sino de manhã, aquilo para mim é um sinal.

Antes não era, dizia-me pouco, mas agora aquele som lembra-me todos os dias que a minha vida é um Homem que me chama e espera pelo meu sim. E é esta relação contínua que mantém a minha cabeça e o meu coração despertos.

Por esta razão, os acontecimentos que agora retomo, os passos que demos este ano, para mim não são simplesmente coisas que nos aconteceram: vivi-os imediatamente, com aquela imediatez que vem de uma educação, como a voz da presença viva do Senhor. Passo agora a apresentar as três etapas fundamentais do caminho proposto e os seus frutos. Um

¹ L. Giussani, *Una rivoluzione di sé. La vita come comunione (1968-1970)*, Rizzoli, Milão 2024, p. 70.

caminho que, a certa altura, recebeu nova luz com a abertura da fase testemunhal da causa de beatificação de *don* Giussani, no passado dia 9 de maio.²

Quais são essas etapas?

1. O olhar da fé

Todos temos presentes as palavras que o Papa Francisco nos dirigiu: «Caríssimos, valorizai o precioso dom do vosso carisma e a Fraternidade que o conserva, porque ele ainda pode fazer “florescer” muitas vidas [...]. A potencialidade do vosso carisma ainda deve ser em grande parte descoberta».³ Mas penso também no convite do Cardeal Farrell: «Quereis ser este fator de renovação, contribuir para ser este fator de renovação a partir de toda a experiência eclesial, trazendo tudo o que sois?».⁴ Aqui, senti realmente este convite como sendo dirigido a mim: «Tu queres ser este fator de renovação?». Na sequência deste convite, na Jornada de Início de Ano do ano passado, debruçamo-nos sobretudo quer sobre a categoria da «experiência» em geral – para a subtrair aos riscos sempre latentes de reduções subjetivistas e sentimentais –, quer sobre a da «experiência cristã», sublinhando os seus três fatores essenciais: 1) o encontro com um facto objetivo (comunidade e autoridade), 2) o reconhecimento do sentido do Facto (a graça da fé), 3) a consciência da correspondência entre o Facto – no encontro com a realidade cristã e eclesial – e a própria pessoa (a verificação). Sem um ou outro destes fatores – como se disse – não se pode falar de «experiência cristã».

Quisemos por isso sublinhar, em particular, que a fé conduz a um nível de experiência – de compreensão, de penetração e de gosto pelas coisas – incomparável com aquele que é possível apenas às nossas próprias capacidades, ao sentimento ou ao impulso religioso naturais.

2. O cuidado da unidade, a custódia do carisma: comunhão, obediência e seguimento

A 30 de janeiro, como estarão lembrados, o Santo Padre enviou ao Davide e a todo o movimento uma

carta curta, mas muito densa, num gesto de grande paternidade e estima. O tema da unidade e da obediência eram o âmago da carta. Recomendo-vos, dizia-nos o Papa «que cuideis da unidade entre vós: só ela, de facto, no seguimento aos pastores da Igreja, poderá ser, com o tempo, guardiã da fecundidade do carisma que o Espírito Santo concedeu a *don* Giussani». Concluía depois com um acalorado convite «a seguirem o caminho tomado, sob a condução da Igreja, e a colaborarem com disponibilidade e lealdade com quem é chamado a guiar o movimento. Só esta obediência, continuamente redescoberta e alimentada, poderá assegurar entre vós uma experiência cada vez mais rica de vida cristã e a renovação da vossa presença no mundo, para o bem de toda a Igreja».⁵

Giussani sempre sublinhou o valor ontológico-sacramental da unidade, como sinal supremo da presença de Cristo na história: «Cristo permaneceu presente no mundo, na história, e estará presente até ao fim dos tempos através da unidade daqueles que Ele agarra e traz para a Sua personalidade».⁶

Precisamente por aqueles meses – fiquei impressionado com a coincidência – tinha saído o livro que conta a vida do nosso amigo Andrea Aziani. Um livro repleto de recomendações da parte do Andrea e de *don* Giussani sobre a importância da unidade. Leio uma passagem que recorda a partida do Andrea e de alguns amigos universitários para Siena: «Em junho de 1976, *don* Giussani pediu a Andrea que se mudasse para a cidade toscana [Siena]; o mesmo foi proposto, em diálogos diferentes, a três outros universitários, Gian Corrado Peluso (Dado), da Católica, Lorenza Violini e Ornella Milan, da Estatal, que aceitaram com entusiasmo. Antes de partirem, Giussani disse-lhes: “O importante é que sejam unidos entre vós, da vossa unidade nascerá o que tiver de nascer”. E um pouco mais adiante, na mesma página: «*Don* Giussani tinha-nos dito: “Não me importa quantas pessoas conseguirem juntar, mas interessa-me a unidade e a amizade entre vós, o âmbito de uma amizade que leve a peito o destino de cada um, e tudo o resto virá por acréscimo”».⁷

² Cf. M. Delpini, «Don Giussani. Il fascino del carisma», 10 de maio de 2024, *clonline.org*.

³ Francisco, «Arda nos vossos corações esta santa inquietação profética e missionária», pp. 14-15, *clonline.org*.

⁴ K. Farrell citado por D. Prosperi, «Saudação introdutória», em M.-G. Lepori, «Cristo, vida da vida», supl. *Tracce*, n. 6/2022, p. 8.

⁵ Francisco, «O Papa a CL: “Cuidem da unidade”», carta de 30 janeiro a Davide Prosperi, 1 de fevereiro de 2024, *clonline.org*.

⁶ L. Giussani, «O cristianismo como acontecimento hoje», *Passos*, n. 1/2024, p. 48.

⁷ G. Mereghetti – G.C. Peluso, *Andrea Aziani febbre di vita*, Itaca, Castel Bolognese (RA) 2023, p. 40.

Cá está, «a objetividade da Sua presença é salva, é assegurada precisamente por esta unidade»,⁸ cuja realidade total se chama «Igreja». «E assim como, naquela altura, aqueles que O seguiam se tornavam cristãos e se transformavam, agora, aqueles que seguem esta unidade, a quem Cristo deu um sinal absoluto de objetividade, que é o bispo de Roma, o chefe da comunidade de Roma».⁹ E aquilo que é verdade para a realidade da Igreja é também verdade – analogamente – para a nossa companhia. Quer dizer: não há unidade sem autoridade, sem o sinal objetivo da autoridade. «Não é um tema entre outros» – diz Giussani em *Una rivoluzione di sé* –, mas é “o” tema, o tema que garante a continuidade da nossa amizade e a possibilidade do seu fruto».¹⁰

Durante o encontro que teve lugar em fevereiro com os responsáveis de CL sobre a carta do Papa Francisco, que se debruçava sobre o tema da «condução comunitária», sublinhámos também «que, se em última instância, se segue uma pessoa, esta pessoa é expressão não de si, não apenas do que ela sente ou pensa, da sua interpretação das coisas ou do carisma, mas de uma comunhão».¹¹

3. A presença: juízo e cultura nova

Levando a sério o que o Papa nos disse em 2022, falando dum «empobrecimento na presença»,¹² o terceiro passo teve a ver precisamente com a presença, nas suas dimensões fundamentais de cultura, caridade e missão, que inclui também as obras. Começamos pela cultura. Refiro-me em especial ao texto do encontro do Davide com a Associação italiana dos centros culturais.

Desde os inícios da GS, a fé foi proposta por Giussani como fonte de uma nova forma de olhar, de conceber, de enfrentar todos os problemas da existência, da sociedade, da história, da política, ou seja, como fonte de um «juízo sobre o mundo», que significa «início de uma cultura diferente».¹³ Foi isto que, ainda que de forma embrionária e certamente a aperfeiçoar, mas com convicção, tentámos fazer com alguns números recentes da *Tracce* dedicados à afetividade, ao fim da vida e à Inteligência Artificial. A cultura

torna-se assim, ao mesmo tempo, verificação da fé e comunicação da novidade e da beleza de Cristo ao mundo.

No encontro com os centros culturais foi também sublinhado que a beleza de Cristo é, sim, correspondente ao coração, mas isso não quer dizer que esteja de acordo com tudo aquilo que normalmente pensamos, com as nossas medidas, os nossos pressupostos, os nossos interesses próprios, a nossa vontade de poder e a do mundo, porque a mentalidade do mundo impregna-nos, não é apenas algo exterior a nós. O que é que normalmente impressiona quem, de fora, olha, encontra, ouve o movimento? O que é que impressiona, por exemplo, aqueles que participam no Meeting? A capacidade de ser e de dizer algo de original, uma diferença em relação ao clima em que estamos imersos.

Hoje, partindo da nossa fé, do encontro que marcou a nossa vida, somos “postos em causa” em relação a tantas questões que Giussani ou a própria Igreja não tiveram de enfrentar nos mesmos moldes. A aventura do juízo, da cultura, pertence de facto ao testemunho cristão, é uma dimensão inalienável da nossa experiência e da nossa presença no mundo. A sua apresentação pode provocar oposição, pode provocar incompreensão, mas pode também tornar-se ocasião de encontro para muitos, oferecer uma perspectiva e um caminho ao seu coração ferido e sedento – como o nosso – de “diversidade”, da beleza de Cristo, da esperança que é Cristo.

Chegámos a este ponto. Agora pergunto-me, e pergunto-te: o que é que nos é pedido hoje? Que novos passos achas que são necessários para o nosso percurso?

Prosperi

Respondo imediatamente dizendo que, se no ano passado dissemos que o primeiro objetivo fundamental para o qual o movimento existe é a educação para a fé cristã – portanto, a viver a vida como vocação: somos escolhidos, chamados por Outro –, o novo passo com que queremos começar este ano fixa-nos na segunda dimensão da nossa tarefa histó-

⁸ L. Giussani, «O cristianismo como acontecimento hojei», op. cit., p. 48.

⁹ *Ivi*.

¹⁰ L. Giussani, *Una rivoluzione di sé*, op. cit., p. 201.

¹¹ Cf. «A carta do Papa: o caminho a seguir», 7 de março de 2024, *clonline.org*, pp. 9-10.

¹² Francisco, «Arda nos vossos corações...», op. cit., p. 10.

¹³ L. Giussani, *Una rivoluzione di sé*, op. cit., p. 135.

rica na vida da Igreja e no mundo: comunicar o conteúdo desta fé a todos. Ou seja, temos de tomar consciência de que somos chamados para uma tarefa.

Sermos chamados coincide com sermos enviados, não há solução de continuidade. Daí o título da Jornada de Início: «Chamados, isto é, enviados: o início da missão». É o tema da *missão*, na esteira do que nos tinha dito disse o Papa: «Arda no vosso coração esta santa inquietação profética e missionária». E antes de nos dirigir estas palavras, tinha sublinhado: «São tempos de renovação e relançamento missionário, à luz do atual momento eclesial, bem como das necessidades, sofrimentos e esperanças da humanidade contemporânea».¹⁴

1. CRISTO É «O» ENVIADO DO PAI E ENVOLVE-NOS NA SUA MISSÃO

Diz *don Giussani*: «O grande chamamento [...] que Deus realizou pelo seu desígnio no mundo, é o chamamento de Cristo», que tudo junta e tudo explica: a eleição de Cristo coincide, de facto, «com a missão de tornar visível o desígnio misterioso do Pai sobre todas as coisas [...] Se um homem qualquer, que tivesse vivido no tempo de Cristo, encontrando-O, Lhe tivesse feito a pergunta: “Mas Tu quem és? Qual é o teu nome?”, Jesus teria podido responder: “Eu sou o enviado do Pai”».¹⁵ Cada expressão, cada gesto, cada olhar de Jesus traduz esta Sua consciência de ser o enviado do Pai. Cristo é, portanto, o primeiro sujeito de missão; e a Sua missão consiste em tornar visível o desígnio e o amor do Pai, em testemunhar a Sua relação com o Pai, em comunicar aos homens e às mulheres do seu tempo e de todos os tempos, amando-os, o amor do Pai que constantemente O gera.

E não só: Cristo envolve os “seus”, e todos os que acreditaram, através da palavra deles, até nós, na sua missão. «Assim como Tu [Pai] me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo.»¹⁶ Também nós, como os primeiros, fomos chamados, isto é, enviados. «Mateus, segue-me.»¹⁷ Cada um pode pôr aqui o seu nome. Mas como é que fomos chamados?

Pensemos no episódio da Samaritana. O Evangelho de João¹⁸ deixa intuir que o encontro deles não foi casual: Jesus decidiu fazer o caminho mais difícil para ir de Jerusalém para a Galileia, aquele que passava pelo deserto, precisamente no meio do território da Samaria – percorrendo uma estrada que para os judeus era inconveniente, pois consideravam os samaritanos impuros –, e chegar ao poço de Jacó a uma hora a que ninguém lá ia (era cerca do meio-dia, fazia um calor tórrido e as pessoas resguardavam-se no fresco das habitações), a não ser aquela mulher que sabia que era considerada “moralmente discutível” e que, portanto, queria evitar encontros ocasionais embaraçantes. Poderíamos ter a dúvida se o que aconteceu não foi só um acidente que poderia não ter acontecido, mas não foi assim. Aconteceu-lhe a ela porque assim Jesus o quis: fez toda aquela estrada para chegar ali àquela hora, porque queria encontrá-la precisamente a ela.

É este o ponto! Este encontro deu início a uma vida nova, de forma que todo o emaranhado de confusão e de mal do seu passado era inscrito num desígnio de bem que começava a assumir a sua forma, a ter um sentido que se identificava com o rosto e as palavras do homem que estava diante dela. Imaginemos o que deve ter sentido aquela mulher ao dar-se conta de quem tinha diante de si: descobrir-se inesperadamente querida, desejada, amada – mas usemos a palavra cara a *don Giussani*: mendigada – pelo Messias, Cristo, o destino, Aquele para o qual o nosso coração é feito e que espera desde sempre, conscientemente ou não.

Para nós, hoje, através do encontro com o movimento, no seio da realidade da Igreja, a mesma coisa é válida: se tu estás aqui é porque foste escolhido, chamado pelo nome. Penso em muitos testemunhos que ouvimos este verão (alguns poderão lê-los na *Tracce*).¹⁹ No entanto, a história deles é também a nossa história, de todos nós que aqui estamos, ainda que com formas e contornos diferentes.

Fomos chamados – estou a pensar também naqueles que estão aqui hoje pela primeira vez – através de um encontro em que um olhar tão impossível quan-

¹⁴ Francisco, «Arda nos vossos corações...», op. cit., pp. 10, 19.

¹⁵ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 62

¹⁶ Jo 17,18.

¹⁷ Cf. Mt 9,9.

¹⁸ Cf. Jo 4,5-42.

¹⁹ «Chiamati, cioè, inviati», *Tracce*, n. 9/2024, pp. 40-53.

to desejável sobre as nossas vidas se tornou experimentável, um olhar finalmente humano, um amor gratuito e imerecido pelo nosso destino, pelo nosso rosto: nenhum de nós fez nada para o merecer. Se a pessoa ou as pessoas com quem nos cruzámos se tornaram “encontro” para nós, é porque as vimos comprometidas de forma diferente com as coisas usuais: conversando, trabalhando, comendo, bebendo, elas fizeram-nos perceber uma diferença qualitativa, algo que corresponde à nossa sede de sentido e de amor.

Esta diversidade é um dom oferecido ao mundo. Mas nós, que seja claro, frágeis e limitados como somos, não temos nada para oferecer, a não ser o que por nossa vez recebemos (como escrevemos no manifesto publicado há alguns dias sobre os terríveis acontecimentos de Paderno Dugnano);²⁰ não temos nada de nosso, que provenha de nós. A fonte da nossa diversidade, de uma presença nossa diferente e construtiva no ambiente é – para usar a expressão do Papa Francisco – a «fidelidade criativa»²¹ a um encontro, a uma fonte, a um dom do Espírito. E a fonte vive num lugar e numa história: a nossa comunhão em Cristo. O nosso amigo Carras repetiu-o até ao último suspiro: podes ser o mais perspicaz e sensível de todos, o mais inteligente, o mais “carismático”, mas se te afastares da fonte, tornas-te um disco riscado que se repete infinitamente. É uma tentação em que todos podemos cair, sem exceção.

2. UMA COMUNHÃO VIVIDA

Fomos chamados através dum encontro humano que nos introduziu na vida do Corpo de Cristo, numa comunhão feita daqueles que – diz Giussani – foram «escolhidos para verem, que aceitaram olhar, que ouvem como podem, que arrancam como conseguem, todos pecadores, amados pelo Mistério».²²

Também nós fomos escolhidos para ver, e tivemos de aceitar olhar: de facto, nada acontece sem a nossa liberdade. Mesmo no reconhecimento de um amor recebido, a nossa liberdade está em jogo: claro, é uma liberdade movida pelo poder de uma superabundância, de uma atração, porque, de outro modo, seria incapaz de dar passos, mas ainda assim

deve estar em jogo. Mas atenção, não basta dizer o nosso “sim” apenas uma vez. Tal como Pedro, que à pergunta de Cristo se O amava, teve de repetir o seu “sim” por três vezes, e não apenas uma, também nós devemos repetir o nosso “sim” ao Seu amor cem vezes, mil vezes, todos os dias. «Amas-me?»

Quantas vezes nos escandalizamos, dizendo: «Tive o encontro, mas sinto-me bloqueado». Mas o nosso «sim» deve ser continuamente repetido e deve tornar-se cada vez mais consciente. Nisto, cada um tem de viver uma responsabilidade, que muitas vezes queremos evitar, por comodismo ou por preguiça. O nosso «sim» é um sim cheio de razões, mesmo quando estamos no meio do nevoeiro. Com efeito, nós “não vemos” acontecer agora aquilo que nos aconteceu, não quer dizer que não esteja a acontecer. Pode também dar-se que, «depois de três anos de emoção», te encontres a viver «três meses de aridez, trinta anos de aridez», como diz Giussani numa passagem de *Si può (veramente?) vivere così?*, que em determinadas alturas foi para mim de grande conforto: «Nesses momentos é a memória do passado, a memória da história vivida – do que te aconteceu, do que fizeste graças ao que te aconteceu –, é a memória histórica que te salva; e salva-te o resultado desta memória histórica, que é a companhia onde te encontras. Não sentes a emoção que já sentiste em tempos pelo conteúdo de uma memória e pela companhia em que te encontras, mas estão lá [...]. Asseguro-vos que, depois de três anos de emoção, três meses de aridez, trinta anos de aridez, três meses de “re-emoção”, ou de remoção do obstáculo à comunhão, a dada altura: *plaff*, a onda espraia-se diante do enorme buraco do mar e cobre-o todo»,²³ e também tu voltas a ver.

Portanto, o encontro com Cristo hoje dá-se embatendo na comunhão de gente ligada a Ele, parte d’Ele. A comunhão, a unidade dos crentes, a Igreja é o Seu Corpo, é o método que Deus escolheu para permanecer presente na história. Se isto pode talvez parecer-nos estranho também a nós, se pode parecer-nos distante, sem consequências na nossa vida, é porque fizemos preventivamente, de forma mais ou menos consciente, uma redução do significado da própria comunhão: esta não é reconhecida como o

²⁰ «O mal e o amor que salva», 17 de setembro de 2024, *clonline.org*.

²¹ Francisco, *Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional*, 24 de novembro de 2022.

²² L. Giussani, *Através da companhia dos crentes*, Paulus, Lisboa 2022, p. 76.

²³ L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, Bur, Milano 2016, pp. 470-471.

mistério de Cristo, o facto de Cristo presente. Sem o teorizarmos e talvez sem sequer nos darmos conta, atirámos Cristo para fora da história, cedendo a alguma forma de espiritualismo ou de escatologismo (em que Cristo já não é uma presença e já não tem que ver com o aqui e agora). A relação com Cristo é entendida, então, como algo de individualista e a companhia é reduzida a uma muleta sociológica (o que os amigos me podem dar quando eu preciso). Pelo contrário, para Giussani, o caminho da fé passa por um encontro humano e pela imanência à comunhão que é o Seu Corpo na história. Cristo não é uma ideia abstrata, nem um ideal que nós concebemos, mas é uma presença que se torna visível e tangível na nossa unidade, que podemos seguir, à qual pertencemos, que se torna lugar dos critérios e a sensibilidade com que julgamos tudo. Por isso é que falamos tantas vezes de juízo comunitário.

É a experiência da comunhão entre nós e na Igreja que nos faz amadurecer na fé. Se para a mentalidade corrente, em que muitas vezes também nós nos encontramos, crescer é tornar-se autónomo, independente, no cristianismo é o contrário: quanto mais caminhamos, mais descobrimos que toda a nossa consistência está na pertença à Sua presença, que a verdade de nós, da nossa vida, do nosso momento está na dependência reconhecida e vivida de Cristo, do mistério de Cristo, do mistério de comunhão que é a Sua continuidade na história. «Aqui reside o *paradoxo*: a liberdade é a dependência de Deus»,²⁴ diz a frase d' *O Sentido Religioso* que escolhemos este verão como título das férias das nossas comunidades.

A respeito disso, queria citar uma passagem da Bíblia, a luta de Jacob com o anjo. A história é conhecida, ainda assim convidamos a irem relê-la. Jacob obtém a primogenitura do pai, Isaac, com a mentira: por isso, no seu coração, apesar de saber que o Senhor mantém sempre a Sua promessa, não está em paz, por isso vai para longe. Passados muitos anos, decide regressar à terra que lhe tinha sido dada. Tem de atravessar a torrente Jaboc. Depois de ter transportado para a outra margem as mulheres, os escravos, as crianças e os bens, apresta-se ele mesmo a passar o rio. Depara-se, porém, com uma estranha personagem que começa a lutar com ele.

Aqui reside a grande questão, que constitui, na minha opinião, o ponto dramático do tempo em que vivemos: o reconhecimento da pertença a Deus, a consciência de sermos “seus”. Jacob luta com o anjo e Deus diz-lhe: «Venceste!», e é paradoxal, porque aos nossos olhos Jacob foi derrotado: o anjo desloca-lhe uma anca, ficará coxo pelo resto da vida. Então porque venceu? Por um motivo que se esclarece quando Jacob, antes de se ir embora, pede ao anjo que o abençoe e este lhe pergunta o seu nome; Jacob diz o seu nome e o anjo atribui-lhe um novo nome: «O teu nome não será mais Jacob, mas Israel; porque combateste contra Deus e contra os homens e conseguiste resistir!». Israel significa precisamente “Aquele que combateu contra Deus”. Prossegue o relato: «Jacob interrogou-o, dizendo: “Peço-te que me digas o teu nome”. “Porque me perguntas o meu nome?”, respondeu ele. E então abençoou-o».²⁵ Dizer a alguém o seu nome, na tradição judaica, significa de algum modo dar-se, estabelecer uma aliança, dar ao outro o direito e o poder de chamá-lo em seu auxílio. Revelar o próprio nome é, em suma, como dizer: «Sou teu, de ora em diante pertence-te, estou do teu lado». Mudar até o nome, como Deus fez com Jacob, é ainda mais. Se saber o teu nome é possuir-te, ser eu a dar-te o nome é um possuir-te “ao cubo”. É como que dizer: «Tu pertences-me». Assim, começa-se a perceber. Deus não diz a Jacob o Seu nome; é Ele que lhe dá, em vez disso, um nome novo. E assim, é como se lhe dissesse: «Sim, venceste, mas a tua vitória não consiste em “possuir-Me”. Pelo contrário, consiste em tornares-te Meu, em tomares consciência de Me pertences; melhor: em aceites finalmente abandonares-te a Mim, dependeres totalmente de Mim». Ele, que vivia o drama interior de ter obtido a promessa de Deus através do engano, depois de uma longa luta, passou finalmente da autonomia à pertença, é agora totalmente de Deus e, portanto, marcado, ferido no seu orgulho e na sua inteligência por aquele Deus que, assim, o tornou definitivamente Seu.

Penso em quantas vezes, para nós, um acontecimento dramático ou doloroso (a ponto de podermos dizer: «Senhor, porque não me tiras este peso?») seria incompreensível, humanamente falando, em relação a um Deus que nos ama, se não fosse o cami-

²⁴ L. Giussani, *O sentido religioso*, Tenacitas, Coimbra 2023, p. 136.

²⁵ Gen 32,29-30.

nho misterioso através do qual podemos ser conduzidos a uma familiaridade mais profunda e amorosa com Ele, a sentir ainda mais a necessidade d'Ele. Assim, como Jacob, então, em qualquer situação da vida, tu vences se te deixares vencer pela grande Presença que veio ao teu encontro, Deus feito homem. E o que é que ganhas? Ganhas o seu amor. Melhor: ganhas, obténs aquela liberdade nova e verdadeira, que consiste precisamente em viver de uma entrega ao amor gratuito de Outro, em consistir não naquilo que tu fazes e sabes, mas no amor gratuito de Outro, gratuito até ao perdão. Cristo ama-te, claro, mas se não aprenderes a abandonares-te a esse amor, a entregares-te a esse amor, é como se não conseguisses percebê-lo, reconhecê-lo, experimentá-lo verdadeiramente.

É o amor de Outro que nos liberta: liberta-nos da chantagem do reconhecimento do mundo, porque já somos reconhecidos pelo único amor da vida. E é este amor, reconhecido, aceite, que nos torna protagonistas da história, como aconteceu com Bernadette (espero que muitos tenham lido *Il Canto di Bernadette*, de Franz Werfel, proposto como “livro do mês” em abril passado). É uma figura que sempre me fascinou e é uma santa importante para o nosso tempo, que tem muito a dizer-nos também a nós. A 11 de fevereiro de 1858 (aliás, recordo que o dia 11 de fevereiro é também o dia do reconhecimento da Fraternidade de CL), quando a Virgem lhe aparece na gruta de Lourdes, Bernadette é uma rapariguinha de catorze anos com sérias dificuldades de aprendizagem na escola (ao ponto de ela mesma se considerar estúpida). Estamos na França do pós-Revolução francesa, num clima racionalista: as “fábulas” da religião são consideradas ultrapassadas. Contrariamente ao que seria de esperar, nesse contexto cultural, Nossa Senhora escolhe como sua “embaixadora” uma rapariguinha totalmente alheia a um modelo de capacidade persuasiva ou dialética. E esta rapariguinha ignorante revoluciona toda a França.

A partir do momento em que começam as aparições, Bernadette começa a dizer coisas que são maiores do que ela. Muitos, a princípio, não acreditam

nela, mas ela continua a dizê-las, e continua a dizê-las por uma razão: por amor, porque encontrou o grande amor da sua vida. Quando uma pessoa encontra o grande amor da sua vida, torna-se imediatamente livre: livre do juízo dos outros, do juízo sobre si mesma, da necessidade – que normalmente nos encurrala – de ser reconhecida, de se sentir estimada pelos outros. Quando aqueles que não acreditam nas aparições lhe pedem que os convença (como, por exemplo, a mestra das noviças, que quase lhe implora: «Livrar-me-ias de um sofrimento atroz se me pudesdes convencer»²⁶), Bernadette responde com candura: «Não fui encarregada de vos fazer acreditar, fui encarregada de vos dizer!»²⁷

Isto diz-nos respeito a nós, hoje. O livre juízo sobre o mundo, sobre a realidade, só pode nascer do reconhecimento de um juízo de valor, de bem, de estima por si por parte d'Aquele por quem se é infinitamente amado e a quem se ama mais do que a qualquer outro. Esta liberdade é uma forma do cêntuplo: «Em verdade vos digo: quem deixar casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa e por causa do Evangelho, receberá cem vezes mais agora, no tempo presente, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campo, juntamente com perseguições, e, no tempo futuro, a vida eterna».²⁸ Nós fazemos os nossos gestos, erguemos os centros culturais, construímos o Meeting e tantas outras obras, graças ao reconhecimento deste amor por nós. Caso contrário, seria um esforço desumano e, mais cedo ou mais tarde, ficaríamos cansados.

3. A MISSÃO COMO DIMENSÃO DA VIDA

Qual é o passo seguinte que deve ser dado? Giusani indica-o no seu livro, recentemente publicado, *Una rivoluzione di sé. La vita come comunione (1968-1970)*: o próximo passo é tomar consciência de que o que me aconteceu; o Facto que me investiu, que entrou em mim, é a verdade mais profunda sobre mim: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim»,²⁹ diz São Paulo. É uma mudança na conce-

²⁶ F. Werfel, *Il canto di Bernadette*, Gallucci, Roma 2011, p. 640.

²⁷ Esta é a frase pronunciada por santa Bernadette, citada em François Trochu, *Bernadette Soubirous*, Marietti 1820, Génova-Milão 2013, p. 255; no romance de Werfel é relatada de forma diferente e parcial: «Mas eu nunca quis que acreditasse em mim» (F. Werfel, *Il canto di Bernadette*, op. cit., p. 461).

²⁸ Mc 10,29-30.

²⁹ Gal 2,20.

ção de si, uma autoconsciência nova: «Significa – diz Giussani – que a autoconsciência que eu tenho envolve em mim Cristo e todo o povo que Ele escolheu, o mistério da Igreja, esta *unidade real na história*».³⁰

E noutro texto, *don* Giussani afirma: «A força de um sujeito reside na intensidade da sua autoconsciência, isto é, na percepção que ele tem dos valores que definem a sua personalidade. Ora, estes valores fluem para o eu a partir da história vivida à qual o próprio eu pertence. A genialidade radical de um sujeito reside na força da consciência de pertença».³¹

Quem vive com esta autoconsciência transforma, tende a transformar tudo o que faz, não pode deixar de mudar a sua maneira de viver, as relações que mantém: muito ou pouco, mas inevitavelmente, transforma a ação que realiza e tende a criar, ainda que de forma infinitesimal, um milímetro de cada vez, algo de novo no mundo. Mudam os critérios de juízo e de ação. A este respeito, o Cardeal Pizzaballa, no Meeting, deixou-nos uma belíssima passagem: «Agora tenho de trazer esta experiência da encarnação, da humanidade de Cristo, do encontro com Cristo, para a realidade que vivo hoje [...]. Significa, antes de mais, para mim pessoalmente, perguntar-me continuamente o que é que Jesus me está a dizer neste momento. Deve tornar-se o critério de leitura das situações, da dor, da divisão, do cansaço em todos os sentidos, certificando-me de que o que vivo passa por essa experiência que deve continuar a ser o fundamento da minha vida. [...] E cada avaliação, cada decisão, cada escolha, cada palavra a dizer deve ser compatível com aquela experiência, com aquela relação, com aquela amizade».³²

Pois bem, esta diversidade, esta mudança, esta transformação é aquilo a que chamamos *missão*. Caso contrário, aquilo que fazemos até pode partir de Cristo, do encontro, da comunhão vivida, mas continua a ser uma afirmação de nós próprios, da nossa obra e, afinal de contas, vivemos exatamente como todos os outros, sentindo-nos ótimos graças a alguns discursos religiosos a mais que fazemos. Sem aquela autoconsciência nova, em suma, o nosso fazer não seria missão, não tornaria presente um Outro, a

Sua continuidade na história. E esse Outro, Cristo, ligou a Sua continuidade na história à Sua obra no mundo, a Igreja, naquele dia misterioso, no diálogo com Simão Pedro: «E eu digo-te: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as potências do inferno não prevalecerão contra ela».³³

Por isso, quando falamos de missão, a questão não é – diz Giussani, ainda em *Una rivoluzione di sé*, – realizar esta ou aquela atividade, mas «é o empenho missionário da tua vida. É o empenho missionário da tua pessoa. É que *a tua vida seja missão*. [...] Na medida em que não tiveres este sentido de missão, produto inevitável, clima da autoconsciência nova, com a tua mulher ou com os teus filhos, na medida em que não o tiveres com os teus amigos e não o tiveres no teu grupo de amigos ou de colaboradores, não o podes ter para a sociedade ou para a política, para a cultura ou para o trabalho. Não o podes ter! Pelo contrário, podes tê-lo se o tiveres nas relações elementares da tua vida, onde é mais difícil implementá-lo, pelo menos aparentemente».³⁴

A nossa amiga Sandrine, que vive no Burundi, comentando a experiência vivida, disse: «A missão tornou-se uma dimensão da minha vida normal, do meu eu. Comecei a vivê-la em minha casa». É muito bonita, esta expressão! O homem novo, a «criatura nova», coincide com a sua missão, o conteúdo da sua vida é missão.

Mas o que significa esta “autoconsciência missionária”? Significa desejar viver como Cristo – partimos daqui –, identificados com Cristo: isto é, viver tudo, onde quer que estejamos, com a «consciência de estarmos ali *enviados pelo Pai*. Para fazer o quê?». ³⁵ Responde Giussani: «Para levar o facto de Cristo e, portanto, o facto da comunhão cristã». Cristo veio ao nosso encontro, investiu-nos, envolveu-nos, para que a nossa vida tenha esta função, seja definida por este objetivo, por esta tarefa.

Então, se é verdade tudo o que estamos a dizer, percebemos bem que a missão não é um dever, um acréscimo, mas é a fecundidade de uma pertença, que se exprime onde estamos, e é a realização de nós próprios: fomos feitos para isto.

³⁰ L. Giussani, *Una rivoluzione di sé*, op. cit., p. 179.

³¹ L. Giussani, *Il senso di Dio e l'uomo moderno*, Bur, Milão 2015, p. 132.

³² P. Pizzaballa, «Niente è più reale dell'incontro con Cristo», 27 agosto 2024, *clonline.org*.

³³ Mt 16,18.

³⁴ L. Giussani, *Una rivoluzione di sé*, op. cit., pp. 184-185.

³⁵ *Ibidem*, pp. 186, 207.

A tua vida como missão, porém, necessita sempre de um risco, de uma iniciativa. Não é necessário termos “bicho carpinteiro”, ou seja, um determinado temperamento, para nos lançarmos. A condição necessária é simplesmente a memória ou a consciência daquilo que somos, do que nos gera e nos torna audazes, mesmo com todas as nossas limitações, é esta comunhão vivida. Isto liberta-nos do peso de algumas das nossas dificuldades ou de sermos esmagados por uma mentalidade que quer convencer-nos a todo o custo de que viver para Cristo é inútil. Comunhão é libertação.

Mas, atenção – este é um ponto importante –, é necessário evitar o risco de uma *espiritualização* da comunhão, segundo uma conceção basicamente gnóstica, que é um deslize sempre possível, também em nós: a comunhão não é uma ideia em que nos devemos inspirar. A relação com Cristo é a relação com a Sua presença e ser cristão é seguir essa presença.

A questão, então, é: mas tu, quem é que segues, a quem é que respondes pelo que vives, com quem estás em diálogo, como é que a vida de comunhão entra concretamente no que é mais teu, no teu trabalho, nas tuas relações, nos teus interesses, e não apenas nos gestos do movimento em que participas? Ou respondes a um tu concreto, a um lugar, a uma realidade viva, na qual o Tu de Cristo se faz presente, ou, mesmo com as melhores intenções, respondes a ti mesmo e pronto. Então, mesmo que estivesse sozinho a viver ou a trabalhar num determinado lugar, mesmo que fosses o único a viver a experiência cristã tal como te foi comunicada, procurarias uma referência para ti, nem que fosse um telefonema do outro lado do mundo uma vez por mês (como nos contaram alguns amigos na Assembleia Internacional de Responsáveis),³⁶ que te mantenha ligado a esta comunhão. Não há «Cristo sem Igreja»,³⁷ ou seja, sem o Seu corpo, a Sua carne, dizia Giussani, denunciando a redução do racionalismo moderno, que quer despojar Cristo da Sua humanidade, da Sua historicidade, da Sua concretude. Trata-se de viver a comunhão.

Para percebermos melhor tudo isto, pedi a um querido amigo nosso, o Hussam, que está ligado a nós desde Haifa, que nos contasse a sua experiência.

Ler o texto e ver o vídeo

4. CONSTRUIR A IGREJA

Há um último ponto que quero propor-vos. Para quem, como nós, foi tocado pelo anúncio de Cristo, alcançado pelo Seu acontecimento, não há outra tarefa senão esta: colaborar na construção da Igreja. Só assim poderemos tornar a nossa vida útil ao mundo, colaborar para o bem da humanidade, para a felicidade dos homens, para a justiça na sociedade. Caso contrário, o que fizermos será a enésima mentira, que se juntará a todas as outras.

Quando, na Assembleia de Responsáveis, a nossa amiga ucraniana e a nossa amiga russa entrevistaram uma a seguir à outra, sem que isso tivesse sido programado, tocámos com as nossas próprias mãos, num pequeno grande sinal, como a tarefa de construir a Igreja, abraçada, pode colaborar com a justiça e a paz no mundo. É um facto inesperado que o Senhor colocou diante dos nossos olhos para nos dar a prova de que Ele pode fazer o que nós, com os nossos planos, nem sequer podemos imaginar. É a prova de que as palavras que o Anjo dirigiu àquela menina de Nazaré, no dia mais extraordinário da história, anunciam uma promessa que é verdadeira – que é verdadeira! –: «A Deus nada é impossível».³⁸ No coração simples e livre, desprovido de preconceitos, daquela rapariga de 15 anos chamada Maria, esta afirmação («A Deus nada é impossível») desencadeou uma confiança sem medida, sem cálculos que fez dizer: «Fiat», «Sim».

Construir a Igreja, construir a comunidade ou, para usar outra expressão de Giussani, «“fazer” a comunhão»,³⁹ não é uma tarefa paralela a outras, mas é “a” tarefa, que se realiza em todas as ações e em todas as relações, é o horizonte no qual tudo o que vivemos pode adquirir o seu valor autêntico. Tudo em nós, diz Giussani, se resume e se exalta nesta fórmula, construir a Igreja, que corresponde à outra: a vida como missão. É a mesma coisa.

Nós sabemos-lo: o testemunho de Cristo no mundo suscita espanto, admiração, gratidão de muitos, mas também oposição, até à perseguição, como

³⁶ Cfr. «Chiamati, cioè mandati», *Tracce*, n. 9/2024, pp. 40-44.

³⁷ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, Paulus, Lisboa 2022, p. 125.

³⁸ Lc 1,37.

³⁹ L. Giussani, *Una rivoluzione di sé*, op. cit., p. 68.

aconteceu em primeiro lugar com Cristo. «Se me perseguiram a mim, também vos perseguirão a vós; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa»,⁴⁰ diz Jesus. O facto de Cristo ajuíza a história e desafia o poder – caso contrário, que motivo teria a perseguição? –, qualquer que seja o poder, mesmo o poder que está dentro de nós, aliás: é este o primeiro poder que Cristo desafia. Somos chamados a dar testemunho de Cristo num mundo que se ergue contra Ele.

Há algo de heroico neste testemunho, temos de estar conscientes disso. “Heroico” em que sentido? Gostaria de retomar uma passagem impressionante do novo podcast de *don* Giussani: «Se eu Te sigo, tenho de me abandonar! Se devo seguir-Te, devo abandonar a minha posição. Por isso exige que O sigamos até [...] nos negarmos a nós mesmos. Mas a questão ainda não está completa, há algo mais: exige que a sigamos até ao ponto de nos abandonarmos *diante de todos*, porque um sentimento ou uma decisão nunca é completamente verdadeira se não estiver disposta a sustentar-se diante de todos».⁴¹

Giussani, claramente, não se refere ao gesto individual ou à palavra individual, mas ao *sentimento de si* ou à *decisão pessoal* sobre o que se reconhece e se afirma como verdadeiro. Tivemos um comovente retrato disto na exposição dedicada a Franz e Franziska Jägerstätter (*Franz e Franziska, não há amor maior*), apresentada no Meeting. Franz foi beatificado em 2007. A exposição utilizou o filme *Uma Vida Escondida*, de Terrence Malick, que conta a história de Franz e da sua mulher de uma forma cinematograficamente brilhante e pungente.⁴² Ora, uma das coisas que Malick mais sublinha na história de Franz é a aparente inutilidade do seu martírio, uma inutilidade que parece tornar o seu gesto, aos olhos dos demais, mais estúpido do que heroico: Franz recusa-se a aderir ao nazismo e a combater por Hitler em nome da sua fé, que é um todo com o amor pela verdade e pela justiça (não se pode separar Cristo da verdade, do bem, da justiça!) mesmo sabendo que assim irá ao encontro da morte. A certa altura do filme, Franz trava um diálogo extraordinário com um oficial do exército que, não compreendendo a sua decisão, lhe pergunta: «Para que serve essa teimo-

sia? Não estás a pensar que o teu gesto vai mudar o destino desta guerra?».

O testemunho de Franz é um testemunho de fé claro, consciente e profético, mas atenção: um testemunho não solitário. Pessoal, mas não solitário. Franz não está sozinho, é apoiado pelo amor confiante – eis a comunhão! – da sua mulher Franziska. Testemunho de quê? Da certeza de que é a relação com Cristo que preenche a vida de cada um e a torna verdadeiramente útil, contribuindo para a obra de Deus, que molda a história segundo tempos e modos que não são os nossos. Mas este é também o sentido do nosso trabalho, de tudo o que fazemos: que Cristo surja, seja conhecido, se torne visível no mundo, como sentido e esperança de vida.

O martírio, isto é, o testemunho, não é apenas chegar ao sangue, como no caso de Franz e de tantos outros. O martírio é afirmar este Tu como a consistência de si mesmo em tudo o que se faz. É a vida como missão, onde quer que estejamos. Mas como é que isto é possível? E aqui voltamos ao ponto de partida, à raiz, que é a comunhão, a vida cristã como comunhão. Podemos ser tomados, de facto, pelo medo ou pela vergonha, mas – repito – não estamos sós. O testemunho não é um heroísmo musculado. O testemunho é a efusão, sem nenhum cálculo ou pretensão, do meu amor por Cristo, sustentado por uma pertença vivida ao Seu Corpo.

Por isso, gostaria de concluir repetindo a bela expressão de Monsenhor Paolo Martinelli, que nos recordou o Hussam: «Estar em missão significa ser enviado por alguém, a alguém, com alguém».

⁴⁰ Jo15,20.

⁴¹ *La dichiarazione esplicita*, episódio 5 do podcast de Luigi Giussani «E voi chi dite che io sia?», Choramedia, min. 14:45 ss., *clonline.org*.

⁴² *Uma vida escondida (Hidden Life)*, EUA-Alemanha 2019), realização de T. Malick.

